

**O PROCESSO DE ESCRITURA
DO ROMANCE *NHÔ GUIMARÃES* DE ALEILTON FONSECA**

Adna Evangelista Couto dos Santos
adnacouto@gmail.com

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
rercqueiroz@uol.com.br

1. Introdução

O surgimento da escrita aparece como um marco entre a história e a pré-história. As sociedades buscavam se desenvolver e a partir desse desenvolvimento os homens sentiram a necessidade de registrar os acontecimentos de suas gerações. A escrita se insere nesse contexto como peça fundamental para esses registros e para a construção de um legado cultural das civilizações.

A escrita percorreu um longo caminho de desenvolvimento até os dias atuais. Desde as manifestações mais primitivas, que eram chamadas de pictografias ou imagens simbólicas, até os mais complexos textos na era digital, a produção escrita passa a ser um referencial de desenvolvimento das sociedades.

Este trabalho é parte de minha dissertação de mestrado e tem como objetivo apresentar alguns aspectos do processo de criação do romance *Nhô Guimarães*, do escritor baiano Aleilton Fonseca, como também seu perfil autoral através de sua vida e obra, mostrando a sua representatividade no cenário da literatura brasileira.

2. O autor e o romance *Nhô Guimarães*

O escritor Aleilton Fonseca é um autor baiano da geração 80 (1980). Suas obras marcam esse período com textos que revelam uma geração de jovens autores com grande qualidade literária e forte representação acadêmica. Como amante das letras e da poesia, enveredase pelo caminho da lírica e da produção de poemas, mas é como romancista que se destaca e provoca repercussão literária no âmbito nacional e também internacional. Aleilton (Santana da) Fonseca nasceu em Itamirim, hoje Firmino Alves - Bahia, no dia 21 de julho de 1959. É casado e tem dois filhos. É poeta, ficcionista, ensaísta e professor universitário. Em 1963, sua família se fixou em Ilhéus-Bahia, onde o

escritor viveu a infância e a adolescência, cursou até o primeiro ano do segundo grau, escreveu e publicou seus primeiros textos em jornais.

O escritor baiano começa a produzir seus textos ainda no segundo grau, motivado pelas lições e leituras de poemas, crônicas e romances. Em 1977, ingressou na EMARC, escola de Uruçuca – Bahia, onde se formou em Técnico Agrimensor, mas nunca foi buscar o diploma. Nesse ano começa a publicar contos e poemas no *Jornal da Bahia*, de Salvador, tendo vencido três vezes o seu Concurso Permanente de Contos. Publica também no suplemento “A Tarde/Novela”, de *A Tarde*, jornal que tem circulação nacional.

Em Ilhéus passa a assinar a coluna "Entre Aspas", no *Jornal da Manhã*. Em dezembro de 1977, aos 18 anos, sai sua primeira entrevista, no *Jornal da Bahia*, quando é apresentado por Adinoel Mota Maia como um novo escritor que surgia no sul da Bahia. Ainda neste ano, vence um prêmio de contos da Editora Grafipar, do Paraná. Mesmo sendo um escritor baiano e apaixonado por sua região, sua escrita ultrapassa os parâmetros regionalistas. Homero Vizeu Araújo, professor da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e atuante na área de Literatura Brasileira, além de escritor de livros, textos jornalísticos e artigos científicos, faz um comentário sobre essa perspectiva regionalista

O assunto de Aleilton Fonseca tende a ser o que se convencionou chamar de regionalismo em literatura brasileira, isto é, a vida rural no âmbito da modernização incompleta do Brasil. Mas olhando de mais perto a qualidade salta aos olhos; há ritmo na prosa que parece de fala mansa e pausada, o aproveitamento do vocabulário às vezes arcaizante não cai no pitoresco. E o assunto é, na verdade, matéria mais fina: os ritos de passagem para a maturidade. (ARAÚJO, 1998, *on line*)

Em 1979, ingressa no curso de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e se transfere para Salvador, que adota como seu ambiente de formação cultural. Organiza seu primeiro livro de poemas, que recebe Menção Honrosa no Concurso Prêmios Literários da Universidade Federal da Bahia – 1980 e é, logo depois, selecionado para abrir a série de poesia da Coleção dos Novos, da Fundação Cultural do Estado da Bahia, que publicou 14 novos autores baianos no início da década de 1980 e fixou o perfil da Geração 80 no estado.

Em 1981 publica o seu primeiro livro, *Movimento de sondagem* (Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1981) que recebeu, entre outros, a atenção de Carlos Drummond de Andrade, que lhe escreveu uma carta de incentivo e de Rubem Braga, que publicou dois de

seus poemas na coluna “A Poesia é Necessária”, na *Revista Nacional*, semanário que circulava encartado nos principais jornais das capitais.

Ainda em 1981, começa a ensinar língua portuguesa no ensino fundamental, criando uma oficina literária, cuja produção discente era publicada em murais, em coletânea e nos suplementos infanto-juvenis de jornais, como o JOBA, do extinto *Jornal da Bahia*. Conclui o curso de Letras e passa a lecionar literatura e língua portuguesa. Em 1984, ingressa como professor no curso de Letras da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), transferindo-se para a cidade de Vitória da Conquista, e ainda neste mesmo ano publica o livro de poemas *O espelho da consciência* (1984).

Em 1988, especializa-se em literatura brasileira, ao ingressar no Mestrado em Letras, na Universidade Federal da Paraíba. Fixa-se com a família em João Pessoa. Em 1990 retorna às atividades na UESB, trabalhando no curso de Letras, divulgando literatura, incentivando a formação de leitores de poesia através de cursos preparatórios para professores.

Em 1992 defende dissertação de mestrado sobre música e literatura romântica, que foi publicada em livro em 1996, pela Editora 7 Letras, do Rio de Janeiro, com o título: *Enredo romântico, música ao fundo: manifestações lúdico-musicais no romance urbano do romantismo*. Passa a publicar ensaios e resenhas em suplementos de jornais e em revistas universitárias.

Em 1993 ingressa no Doutorado em Literatura Brasileira, na Universidade de São Paulo, fixando-se com a família na capital paulista. Em 1994, publica, em edição artesanal, o metapoema *Teoria particular (mas nem tanto) do poema*. Conclui o doutorado na USP em 1997, com a defesa da tese intitulada: *A poesia da cidade: imagens urbanas em Mário de Andrade*.

Ainda em 1996 retorna a Salvador, onde fixa residência até a atualidade. Retoma suas atividades, junto aos demais escritores da Geração 80. Organiza com Carlos Ribeiro o livro *Oitenta: poesia & prosa* (Coletânea comemorativa dos 15 anos da Coleção dos Novos), Salvador: BDA-Bahia, 1996, que serviu de base para a definição da Geração 80 na antologia *A Poesia na Bahia no século XX*, organizada por Assis Brasil (Rio de Janeiro: Imago, 1999).

Concorre aos "Prêmios Culturais de Literatura" da Fundação

Cultural do Estado da Bahia, com o livro *Jaú dos Bois*, que recebe do jornalista e escritor do livro: *As máscaras singulares*, o seguinte comentário no “Jornal da Tarde”.

O livro (*Jaú dos Bois*) compõe-se de cinco contos, que demonstram uma virtude poucas vezes encontrada na atual literatura brasileira: o domínio da técnica formal a serviço de uma sensibilidade aguçada. O autor, também poeta (dos bons) e professor universitário, consegue resgatar o lirismo das histórias comuns, sem em momento algum cair no simplismo nem na pieguice. (RUFFATO, 1999, *on line*)

A obra fica entre os vencedores (3º lugar) e é publicada pela Relume Dumará, no Rio de Janeiro, em 1997. O livro esgota rapidamente, obtendo expressiva acolhida da crítica, com vários artigos, tornando-se objeto de estudo em cursos de Letras, na Bahia. O escritor e jornalista Cid Seixas comenta

O contista Aleilton Fonseca sabe juntar a profusão de sentimentos vivos do seu universo ficcional num espaço definido e preciso: o espaço da escrita, pondo as palavras a serviço do seu dizer. Nenhum gesto de personagem se perde dos olhos, nenhuma palavra se perde do ouvido, tudo conduz ao ponto indicado pela mão do escritor. (SEIXAS, 1998, *on line*)

Em 1998, funda, em parceria com Carlos Ribeiro e outros escritores, “Irarana, revista de arte, crítica e literatura”, periódico de divulgação da Geração 80. Retoma suas atividades na UESB lecionando, orientando bolsistas de iniciação científica, e também de monitoria em literatura.

Em 1999, transfere-se para a Universidade Estadual de Feira de Santana, integrando-se ao grupo fundador do curso de Pós-Graduação em Literatura e Diversidade Cultural (PPgLDC), tendo já orientado várias dissertações concluídas. Como professor do mestrado, desenvolve pesquisas sobre a representação lírica da cidade na poesia moderna e contemporânea, com o projeto “Imagens urbanas na Literatura”. Como parte disso, pesquisa a representação de imagens da Bahia na poesia brasileira. Como professor pesquisador, orienta trabalhos e dissertações de alunos de pós-graduação e de iniciação científica, na área de literatura baiana e brasileira.

Em 2001 publica a primeira edição do livro de contos *O desterro dos mortos*. Em 2003 leciona, como professor convidado, na Universidade de Artois (França). Neste ano e nos seguintes faz palestras nas universidades: Sorbonne Nouvelle, Nanterre, Artois, Rennes, Toulouse Le Mirail (França) e ELTE (Budapeste). Tem participado de

diversos eventos universitários e culturais em vários estados do país. Nesse ano recebeu o Prêmio Nacional Herberto Sales – Contos, da Academia de Letras da Bahia, com o livro *O canto de Alvorada*, publicado em 2003, com 2ª edição em 2004, pela Editora José Olympio, do Rio de Janeiro. O A Tarde Cultural, em 2005, traz um comentário do crítico literário e jornalista Hélio Pólvora:

Nas sete narrações de O Canto de Alvorada (Alvorada, aqui, sendo nome de um galo de briga, dos tempos das rinhas que o ex-presidente Jânio Quadros quis banir), ele se refere a ciclos de vivências que deveriam entrar no conto, mas que se encontram ainda em processo de fermentação ou de montagem. Há que argamassá-los intemporalmente para que resultem em novos suportes do relato ficcional. (PÓLVORA, 2005, *on line*)

Em 2005 coorganiza (com o escritor Cyro de Mattos) o livro *O triunfo de Sosígenes Costa: estudos, depoimentos, antologia* (Ilhéus: Editus; Feira de Santana, UEFS Editora, 2005), que recebeu o Prêmio Marcos Almir Madeira 2005, da União Brasileira de Escritores-RJ. Participa de várias antologias e coletâneas de poesia e de prosa, no Brasil e no exterior. Tem livros inéditos em poesia, infanto-juvenil, contos e ensaios. O autor se destaca como contista, mesmo sendo um bom escritor de livros e poemas. A habilidade na arte de escrever contos e sua linguagem intensa recebem destaque nas palavras de André Seffrin, crítico literário e ensaísta brasileiro:

No conto de Aleilton Fonseca, a literatura é uma iluminação da vida. É como se o contista dissesse com o poeta: eu tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo. Suas histórias são intensamente vividas, como se fossem casos que se contam no momento mesmo em que são vividos, com a presença inusitada, vez ou outra, do narrador, que interfere no sentido de arrumar o elenco desse grande teatro que é a vida. (SEFFRIN, 2002, *on line*)

É interessante notar como suas obras privilegiam as experiências da vida. Isso faz com que a escrita se aproxime mais do leitor. Essa característica permite uma forte interação entre o leitor e a obra, facilitando, conseqüentemente, o processo comunicativo que deve existir na leitura de texto. Outro recurso de criação do autor é a leitura de contos ou trechos de contos antes de suas versões definitivas. A citação seguinte destaca outra característica significativa do autor, que é sua habilidade vocabular, como se apropria das palavras e as apresenta com muito prazer de entendimento e aplicação, a maneira como relaciona determinadas palavras a lembranças de sua infância, episódios e até fisionomias é digna de ressalva.

É sintomático, também, que o contista Aleilton conjugue numerosas vezes o verbo escavar e os substantivos que lhe estão associados. Ao escavar, ele

seleciona palavras e as saboreia. O contista as toma no paladar, sente-lhes o gosto, o peso, o nível de expressão. Há nesse conúbio com as palavras um prazer por assim dizer sensual. O escritor escava lembranças, que se identificam através de palavras, escava rostos e episódios da infância – e essa garimpagem permanente lhe rende histórias (vai esse termo, para mim preferível a estórias) dignas de reflexão. (PÓLVORA, 2005, p. 4)

A linguagem de Aleilton Fonseca é acessível ao leitor, os enredos são simples, não no sentido de simplórios, mas no sentido de próximos do leitor. Ricardo Vieira Lima, crítico literário, jornalista e poeta, reforça esse pensamento na citação abaixo:

As histórias de Aleilton Fonseca não buscam o exotismo temático e/ou linguístico. Os enredos são simples, embora não simplistas. Como narrador, não lhe atrai a possibilidade de criar situações complexas, repletas de acontecimentos, ou traçar minuciosos painéis descritivos. Interessa-lhe, sobretudo, retratar a paisagem interior de seus personagens, e perscrutar seus dramas íntimos. Por isso, seus contos emocionam e cativam o leitor, que, em última análise, é seduzido ainda pela alta densidade humana que provém dessas páginas. (LIMA, 2003, on line)

As observações dos críticos se voltam para a linguagem intimista e acessível, para a veracidade dos enredos e também para a maneira como o autor saboreia as palavras e compartilha esse prazer da escrita com o leitor. Essas características mostram um perfil que se traça ao longo de sua carreira como escritor.

Quando se visualiza isso através dos periódicos, há uma possibilidade de concretização de concepções e ao mesmo tempo uma liberdade para novas leituras sobre uma biografia. Segundo Lima (2003), ao pesquisador cabe revelar a existência dos documentos, para que novos estudos possam ser desenvolvidos, assim como é sua a tarefa de, através da interpretação e da leitura crítica, fazer a documentação falar.

Aleilton Fonseca é cofundador e coeditor de “Irarana, revista de arte, crítica e literatura”, editada em Salvador desde 1998, já no n.13. É coeditor de “Légua & Meia - Revista de Literatura e Diversidade Cultural” do PPG/LDC/UEFS. Foi editor da revista “Heléboro” (UESB, 1997-98). Participa da comissão editorial das revistas “Politeia” (UESB), “Ágere” (UFBA) e “Floema” (UESB) e tem colaborado com revistas e suplementos literários, no país e no exterior.

Além das publicações no Brasil, o escritor também publica na França e se destaca internacionalmente. Em 2006, publicou poemas em francês, traduzidos por Dominique Stoenesco, na edição especial da revista *Autre Sud*, de Marselha/França, no dossiê poético *Voix croisées*

Brésil-France. O próprio Dominique Stoenesco, jornalista francês, comenta o estilo do escritor em depoimento à Revista "Latitudes" em Paris.

Numa prosa simples e elegante, num rigor estilístico invulgar, e com ingredientes vários oferecidos pelo cotidiano, Aleilton Fonseca fixa cenas e tipos do interior rural ou da cidade, com grande sensibilidade artística e humana, acompanhada por uma sutil análise psicológica. (STOENESCO, 2001, *on line*)

É importante destacar que o comentário de Dominique Stoenesco não diz respeito aos poemas que ele traduziu, mas às obras escritas em prosa, às narrativas, aos contos, o que sugere uma suposição de que ele pesquisou e leu outras obras do escritor e acabou por expor algum tipo de predileção.

Ainda em 2006, participa do dossiê bilíngue de poesia português/francês da revista "Irarara" n.11. Publica também *Nhó Guimarães* pela Editora Bertrand Brasil. O romance relata a vida de uma senhora com idade avançada, uma mulher simples, do interior, que conta histórias que vivenciou ou ouviu de outras pessoas. O autor cria essa narradora do cotidiano, simples e experiente ao mesmo tempo. Em várias obras do escritor, há essa criação de narradores saudosos, que conseguem alcançar uma simplicidade de alta qualidade, algo que se objetiva e se almeja na literatura. A romancista e acadêmica Glauca Lemos e o escritor, ensaísta, crítico literário e professor da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) Flávio Carneiro falam, nas citações abaixo, sobre essa perspectiva:

Aleilton Fonseca é um criador que vive plenamente as suas criações, quando as apresenta, sendo, a um só tempo, todas elas, e cada uma delas no singular da personalidade que lhe atribui. É um narrador espontâneo, cujas histórias são contadas como se vividas fossem, numa simplicidade de alto nível, como se quer a simplicidade literária. Um autor antológico, sem dúvida. (LEMO, 1999, *on line*)

Há sempre um narrador que desfia suas lembranças diante do leitor, promovendo, pelas artimanhas sutis da memória, o reencontro imaginário com pessoas queridas. São histórias de saudades - de um filho, um avô, uma irmã mais velha, um amigo dos tempos de escola. (CARNEIRO, 2002, *on line*)

Ainda em 2006, o jornal "A Tarde" do dia 16 de abril, publica uma reportagem sobre a literatura baiana e seu despertar literário. Com o título: "Novo olhar para a literatura baiana", o jornal destaca a importância desses estudos e o trabalho que críticos e professores de literatura têm feito em sala de aula. O escritor Aleilton Fonseca aparece

como um importante incentivador dessas pesquisas sobre escritores baianos e suas obras. O texto, inclusive, destaca que Aleilton Fonseca, futuramente, será também objeto de estudo do projeto. Abaixo um trecho da reportagem do escritor e literário Carlos Ribeiro:

Houve uma mudança que passou a valorizar não só o cânone dos grandes escritores”, diz Evelina Hoisel, coordenadora da pós-graduação e ex-diretora do Instituto. [...] Voltado para o estudo de autores que exercem a atividade de escritor, professor de letras, crítico e de literatura, o projeto vem enfocando autores baianos como Ruy Espinheira Filho, Cleise Mendes, e em breve, Aleilton Fonseca e Ildásio Tavares. (RIBEIRO, 2006, p. 3)

Em 2009 completou 50 anos e foi homenageado pelo *Lycée des Arènes*, em Toulouse-França, com uma exposição de trabalhos de alunos sobre seu livro *Les marques du feu*. Na Bahia foi homenageado pelo Instituto de Letras - UFBA, através de um seminário sobre sua obra, e também pela Academia de Letras da Bahia. Neste mesmo ano, seu romance *Nhô Guimarães* foi adaptado para o teatro e encenado em Salvador e outras cidades.

É correspondente da revista francesa *Latitudes: cahiers lusophones*. Desde 2005, pertence à Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira n. 20. Sua posse aconteceu no dia 15 de abril de 2005, tendo sido anunciada como reportagem de capa no Jornal “A Tarde”, no suplemento A Tarde Cultural e foi intitulada como: “Sopro de juventude – Integrante da geração 80, o escritor Aleilton Fonseca inaugura uma nova época na Academia de Letras da Bahia ao tomar posse no próximo no dia 15”. (MACHADO, 2005, p. 3)

O ano de 2005 foi marcante na carreira do escritor, a partir da posse na Academia de Letras ocorre uma forte repercussão da trajetória do escritor e da consolidação e reconhecimento de sua obra, isso se divulga também através dos periódicos. No dia 24 de abril de 2005, o jornal “Tribuna Feirense” publica no caderno Tribuna Cultural três reportagens sobre o escritor. A primeira intitula-se “Exercício de imortalidade”, na qual fala sobre o dia da posse e apresenta uma entrevista que destaca os planos e projetos do escritor. Abaixo um trecho da entrevista

T.C. – Quem é o patrono da cadeira que você está ocupando e como é suceder o jornalista Cruz Rios?

A. F. – A cadeira 20 tem como patrono o jurista Augusto Teixeira de Freitas (1816-1883), e como fundador o jurista Carlos Gonçalves Ribeiro. [...] O meu antecessor, Cruz Rios, exerceu o jornalismo em A Tarde, durante toda sua vida, deixou mais de mil artigos escritos [...] Sucedê-lo é uma honra.

(TRIBUNA FEIRENSE, 2005, p. 1)

A segunda reportagem trata do conto “Nhô Guimarães”, que foi publicado no livro *Desterro dos mortos* (2001), e que posteriormente foi reformulado pelo escritor, transformando-se no romance *Nhô Guimarães*, que foi publicado em 2006, um ano depois dessa reportagem. Abaixo um pequeno trecho da notícia que foi escrita por Jessé de Almeida Primo, um aluno de graduação de Letras da UEFS, na época, e autor de alguns artigos publicados em suplementos literários de jornais, comentário que certamente gerou muita polêmica e reflexão.

Apesar de todo gosto por este conto, parece-me as vezes que o autor “forçou a mão” ao utilizar a Academia Brasileira de Letras como causa de um drama existencial da mais alta ordem, a qual chega aos picos da tensão de Arjuna que se angustia ao saber que deverá travar uma feroz batalha. (PRIMO, 2005, p.2)

A terceira reportagem fala sobre *O Canto de alvorada* e apresenta perfil e características de estilo do escritor. Isso é demonstrado no trecho da reportagem a seguir, um comentário do engenheiro e escritor brasileiro Whisner Fraga:

Aleilton é um contista clássico, não esperem, portanto, ousadias linguísticas, manobras incompreensíveis ou pedantismo narrativo. As histórias d’O Canto de Alvorada são apresentadas com início, meio, clímax, final surpresa e umas passagens de suspense, salpicadas aqui e ali, quando o autor percebe resvalar o perigoso terreno da monotonia [...]. É um autor de frases límpidas, poéticas, despojadas, livres das adjetivações gratuitas [...]. (FRAGA, 2005, p. 3)

3. Etapas iniciais do processo de criação do romance Nhô Guimarães

Toda obra literária que chega às livrarias, já publicada, passa por um longo processo de produção. Muitos leitores não imaginam todo o labor de um escritor na produção de seus textos. Alguns escritores, inclusive, iniciam um texto com uma proposta de gênero e no decorrer do processo de escrita o modificam.

O romance *Nhô Guimarães*, que pode ser caracterizado como uma narrativa escrita em prosa e traz em seu contexto uma espécie de homenagem ao escritor João Guimarães Rosa, no cinquentenário do livro *Grande Sertão: veredas*, é um romance completo e independente, pois transcende a homenagem e ganha vida própria. Aleilton Fonseca trabalha a linguagem de forma imaginativa e cria uma personagem que, ao narrar histórias e “causos” em boa parte inspirados no imaginário popular

brasileiro e no vasto universo rosiano, relembra seu velho amigo Nhô Guimarães. O livro conta a vida dessa personagem, uma mulher simples, do interior, que conta histórias que vivenciou ou ouviu de alguém.

É uma obra de 176 páginas, que teve sua primeira edição em 2006, pela Editora Bertrand Brasil. O romance é dividido em 36 capítulos e, apesar de haver um “causo” em cada um deles (à exceção do primeiro e último capítulos), há uma ligação entre todos. Essa liga, esse laço, é justamente a amizade da personagem e do seu falecido marido com “Nhô Guimarães” e a esperança que ela tem de ainda poder encontrar, ao menos uma última vez, com “Nhô Guimarães” e com o filho que se perdera na cidade.

O formato final da obra se apresenta como romance, mas o processo de criação se iniciou com a proposta de um conto. Em entrevista com Aleilton Fonseca, o escritor revelou que *Nhô Guimarães* surgiu primeiramente no formato de um conto, que inclusive foi publicado em uma de suas obras intitulada como *Desterro dos mortos*, em 2001. Aparentemente o conto foi dado como concluído, mas, segundo o próprio, a voz narrativa ainda o incomodava, partindo dessa situação ele afirmou que voltou ao texto e começou a transformar o conto em uma novela.

Quando o escritor mandou para a editora, ainda não se sentia completamente satisfeito, sentiu que faltava algo no texto e pediu mais tempo para finalmente transformar a novela em um romance, só assim se deu por satisfeito e publicou o livro *Nhô Guimarães*, em 2006, pela Editora Bertrand Brasil. O trecho a seguir revela como surgiu *Nhô Guimarães*:

Nhô Guimarães surgiu com a ideia de um conto no ano 2001, que de fato eu escrevi o conto *Nhô Guimarães* que foi publicado no livro *Desterro dos mortos* (2001), e pronto dei o caso como encerrado, mas eis que com o passar de alguns anos, aquela narradora que tinha aparecido e tomado fluxo da linguagem do conto me voltava à consciência, eu sentia que aquela narrativa não estava conclusa no conto, que havia muito mais a narrar. Até que um dia eu voltei ao computador, abri o conto e senti que naquele conto havia momentos, passagens, que poderiam responder por uma história de base e entre as passagens daquela história de base poderiam ser inseridas essas outras histórias que a narradora queria ditar para que eu digitasse no texto. E assim eu pensei que aquele conto ia se tornar uma novela. Em algumas versões eu tenho a configuração de uma novela, em que a história de base é segmentada e entre esses segmentos se desenvolve outras passagens. (Trecho da entrevista com Aleilton Fonseca, 2010)

O processo de criação de uma obra é tão dinâmico que o texto, na

sua mobilidade, pode sofrer inúmeras alterações, inclusive de gênero, como é o caso de *Nhô Guimarães*, que começou como um conto, foi transformado em uma novela e, por fim, em um romance.

4. Considerações finais

Este trabalho nos remete a visualizar o perfil do escritor baiano Aleilton Fonseca, sua representatividade no cenário da literatura brasileira e também estrangeira. Isso se demonstra ao perceber suas obras, sua carreira profissional e também a opinião de personalidades da literatura e do jornalismo que por intermédio de suas críticas expõem diversas perspectivas de atuação do escritor. O seu estilo, porém, é mais perceptível por meio da possibilidade de análise do seu processo de escritura, onde o texto indica os caminhos para que possa enxergar as marcas de quem o escreve.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Homero Vizeu. Jáú dos bois. *Zero Hora*. Porto Alegre, 7 mar. 1998. Disponível em: <http://aleilton.blogspot.com/2009/07/jau-dos-bois.html>. Acesso em: 10 out 2010.

CARNEIRO, Flávio. Ideias. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 6 fev. 2002. Disponível em <http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 12 set 2010.

FRAGA, Whisner. *Tribuna Feirense*. Feira de Santana, ano 3, n. 136. 24 abr. 2005, p. 3.

LEMOS, Gláucia. *O escritor*. União Brasileira de Escritores. São Paulo, 1999., Disponível em: <http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 12 set 2010.

LIMA, Ricardo Vieira. *A Tarde*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 15 set 2010.

MACHADO, Suza. Sentença de vida. *A Tarde Cultural*. Salvador, 9 abr 2005, p.4.

PÓLVORA, Hélio. Andarilho por vocação. *A Tarde Cultural*. Salvador, 9 abr 2005, p. 3.

_____. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 21 nov. 2003.

Caderno,2.,Disponível,em:.,<http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 16 out 2010.

PRIMO, Jessé de Almeida. *Tribuna Feirense*. Feira de Santana, ano 3, n. 136. 24 abr.2005, p. 2.

RIBEIRO, Carlos. *A Tarde*. Salvador, 16 abr. 2006, Caderno 2, p. 3.

RUFFATO, Luiz. *Jornal da tarde*. São Paulo, 8 maio 1999. Caderno,de,Sábado.,Disponível,em:.,<http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 18 out 2010.

SEFFRIN, André. Prosa e verso. *O Globo*, Rio de Janeiro, 2002. Disponível,em:.,<http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 20 out 2010.

SEIXAS, Cid. *A Tarde*, Salvador, 27 jul. 1998. Disponível em <http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 25 set 2010.

STOENESCO, Dominique. *Latitudes: Cahiers Lusophones*. Paris, n. 12,,sep.,2001.,Disponível,em,<http://aleilton.blogspot.com/p/bibliografia.html>. Acesso em: 17 set 2010.